

Acordo mais próximo com os franceses

por Celso Pinto
de Paris

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, sugeriu e o presidente do Banco da França (banco central), Jacques de Larosière, aceitou dar um empurrão final nos bancos privados franceses para fechar um acordo com o Brasil. A ministra previu que o acordo poderá ser fechado talvez ainda hoje.

A ministra sabe que os bancos franceses, ao lado dos japoneses e de três bancos norte-americanos (Bankers Trust, Chase Manhattan e Manufacturers Hanover), têm sido os mais duros e intransigentes na discussão de um acordo com o Brasil. Ironicamente, contudo, ontem à tarde a ministra participou de cerimônia de assinatura de um empréstimo de US\$ 126,5 milhões para o Brasil, de um consórcio de bancos liderados pelo Crédit Lyonnais. Com uma carteira de empréstimos ao Brasil de 1,4 bilhão, o Crédit Lyonnais é o maior credor do País na França.

A aparente contradição se explica, em boa medida, pelo fato de o empréstimo, destinado a financiar o lançamento de dois satélites brasileiros pela Arianespa-

ce, ser, na sua maior parte, garantido. Do total, US\$ 91 milhões serão garantidos pelo Coface, o equivalente ao Eximbank francês, outros US\$ 18 milhões serão garantidos pelo Office National du Ducroire, a instituição equivalente na Bélgica, e apenas US\$ 18 milhões serão em créditos financeiros, isto é, risco do grupo de bancos privados que entraram no negócio: além do Crédit Lyonnais, o Banque National de Paris, o Société Générale, o Paribas, o Banque Commercial de France e o Banque Bruxelles Lambert.

O empréstimo marca, na verdade, a reabertura de créditos oficiais franceses ao Brasil, algo que só foi possível porque a ministra, no dia anterior, regularizou a situação dos atrasados junto ao Coface. Na cerimônia de assinatura, de todo modo, o presidente do Crédit Lyonnais, Jean-Yves Haberer, fez questão de elogiar os "esforços corajosos do presidente Collor" em acertar a economia brasileira e disse que o empréstimo era prova de "confiança da comunidade bancária".

A ministra da Economia, no mesmo tom, aproveitou

(Continua na página 18)

DÍVIDA

Acordo mais próximo com...

por Celso Pinto
de Paris
(Continuação da 1ª página)

para considerar o empréstimo o início de uma nova fase de relacionamento do Brasil com a comunidade bancária internacional e "uma prova de confiança no Brasil, na nossa política econômica e no desejo de regularizar nossa situação com a comunidade financeira internacional". A assinatura foi feita na presença do ministro do Correio, Telecomunicações e Espacial da França, Paul Quilès, do presidente da Embatel, Paiva Lopes, e do procurador-geral da República, Cid Heráclito.

Para os franceses foi muito importante assegurar o contrato de lançamento dos satélites brasileiros de segunda geração. Os satélites de primeira geração, de 1985 e 86, também foram lançados pela Arianespace com um financiamento do mesmo Crédit Lyonnais.

A concessão do crédito do Coface, de outro lado, se deu apesar de o governo francês ter sido um dos cinco governos de países ricos que sugeriram o adiamento por dois meses na aprovação de dois empréstimos ao Brasil no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), como forma de pressão para o País fechar um acordo com os bancos privados. Esta atitude gerou uma dura nota em resposta do go-

verno brasileiro e a ministra ontem voltou a citar o episódio e condenar a atitude tanto numa entrevista à imprensa internacional, pela manhã, quanto na cerimônia de assinatura do empréstimo, à tarde.

A conversa de uma hora com De Larosière, ontem pela manhã, acabou sendo um dos melhores momentos da visita da ministra a Paris, em sua própria opinião.

Experiente conhecedor da economia brasileira, dos tempos em que era diretor-gerente do FMI, De Larosière criou uma relação cordial com muitas autoridades brasileiras, inclusive com os que, como o ex-ministro Dilson Funaro, não compartilhavam sua visão ortodoxa para o acerto da economia e da dívida externa.

Tendo o cuidado de deixar claras suas limitações frente aos bancos franceses privados, De Larosière ofereceu-se para ressaltar aos bancos a importância de concluir um acordo com o País.

Pequenos detalhes separavam ontem o Brasil dos bancos credores e De Larosière, familiarizado com os detalhes da negociação, acha que o acordo deve ser concluído rapidamente.

Segundo a ministra, o presidente do Banco da França disse a ela que com as limitações constitucionais e o poder federativo no Brasil realmente a tarefa

do acerto econômico pelo governo federal fica muito difícil. "Com o sistema federativo (brasileiro) é quase impossível fazer política econômica consistente", teria dito ele, segundo a ministra. "Eles (os estados) são verdadeiros criadores de moeda."

A ministra expôs a ele a mesma idéia que usou em outras conversas: apesar de estar praticando uma política econômica compatível com o que o FMI deseja, a taxa de inflação elevada dificulta enormemente chegar-se a um acordo. No entanto, no caso de um país como o Brasil, com todos os problemas de uma arraigada cultura inflacionária, tentar manter como meta uma inflação mensal na casa de um dígito, como quer o governo neste ano, já exige um extraordinário esforço e representa um sucesso.

De Larosière concordou

CERVEJARIA

Interbrew anuncia lucro

A Interbrew S.A., terceira maior companhia de cervejaria da Europa e a principal da Bélgica, anunciou um lucro líquido de 2,293 bilhões de francos belgas (US\$ 70 milhões), em 1990, pouco acima dos 2,265 bilhões de francos de 1989. A companhia atribuiu este resultado a uma série de

com a idéia geral e sugeriu que a ministra insistisse na negociação com o Fundo que, segundo ele, tem técnicos capazes de entender as especificidades do problema brasileiro. A ministra lembrou que em abril vai ao Brasil a missão do Fundo encarregada do exame rotineiro e periódico aos países-membros do âmbito do artigo quarto da instituição. Não há nenhuma previsão sobre quando será possível começar uma negociação com o FMI para um acordo stand-by.

A ministra convidou e De Larosière aceitou ir ao Brasil em junho ou julho próximo. Ela vai organizar um roteiro que incluirá o Nordeste. "Eles precisam conhecer melhor a realidade brasileira", justificou.

À noite, a ministra embarcou para Nagoya, Japão, onde participará da reunião anual do BID, antes de voltar ao Brasil.

(AP/Dow Jones)